



CAPA

Guerra econômica

SOB BLOQUEIO DOS EUA DESDE 2013, A VENEZUELA PERDEU O EQUIVALENTE A MAIS DE UM ANO DE PIB E RECUSA O CAVALO DE TROIA DA "AJUDA HUMANITÁRIA"

por CARLOS DRUMMOND

S em o apoio decisivo do Brasil e outros países latino-americanos na reunião do Grupo de Lima em Bogotá, na Colômbia, na segunda-feira 25 os Estados Unidos adiaram por ora a invasão militar da Venezuela, opção discutida abertamente em Washington nas últimas semanas, mas o preço foi uma asfixia ainda maior da economia venezuelana sob bloqueio estadunidense desde 2014. No encontro com a participação dos vice-presidentes Mike Pence dos EUA e Hamilton Mourão do Brasil, os EUA anunciaram sanções a quatro governadores aliados do presidente Nicolás Maduro.

Pence pediu ainda o congelamento de ativos da petroleira estatal PDVSA e a transferência de eventuais bens de

Maduro para o autoproclamado presidente Juan Guaidó. O torniquete inclui o apelo para restrição de vistos às pessoas do círculo próximo do presidente venezuelano e segue-se à interdição em janeiro de 7 bilhões de dólares em ativos da PDVSA nos EUA, inclusive a subsidiária Citgo, e à suspensão de compras

OS ESTADOS UNIDOS QUEREM TOMAR O PAÍS PARA REDUZIR CUSTOS E AUMENTAR A SUA COMPETITIVIDADE

de petróleo previstas em 11 bilhões neste ano, tudo para forçar, segundo a mídia, o reconhecimento de Guaidó na função pretendida.

As medidas de janeiro incluíram a proibição da venda à Venezuela pelos EUA de diluentes necessários à preparação do petróleo pesado para o refino, processamento e produção de gasolina e outros combustíveis. O conjunto das ações visa fulminar a economia massacrada pelo boicote financeiro e comercial estadunidense que entre 2014 e 2017 provocou perdas entre 1,1 e 1,6 vezes o PIB, isto é, entre 245 bilhões de dólares e 350 bilhões, com uma redução *per capita* de 8,4 mil dólares a 12 mil, calcula o Centro Estratégico Latino-americano de Geopolítica em estudo publicado no início de fevereiro. O bloqueio iniciado após a morte de Hugo Chávez e sua subs-



KAMILA STEPIEN/LE PICTORIUM AGENCY/ZUMA





O torniquete estadunidense esvaziou as prateleiras da economia que tem a maior reserva de petróleo e a refinaria de Paraguana, a segunda do mundo

tuição por Maduro são apontados pela organização como as principais causas da crise econômica e social aguda do país latino-americano.

O diagnóstico do Celag comprova a análise realizada há um ano pelo especialista para a Promoção da Ordem Democrática e Equitativa escolhido pelo Conselho de Direitos Humanos das Nações Unidas e professor da Universidade de Genebra Alfred de Zayas, que de 1981 a 2003 ocupou o posto de Alto Comissário para Direitos Humanos da ONU. “Eu estudei as estatísticas e adianto: há escassez, há desabastecimento, há recessão. Mas quem viveu e trabalhou para as





CAPA



Nações Unidas por décadas e conhece a situação em países da Ásia, da África e da América Latina sabe que essa situação na Venezuela não chega a ser uma crise humanitária. No entanto, repetem tanto isso que muitos pensam que efetivamente o país está à beira de um desastre”, disse Zaya em entrevista à tevê Telesur.

A Venezuela, prosseguiu, sofre uma guerra econômica, um bloqueio financeiro e um alto nível de contrabando e precisa da solidariedade internacional para resolver esses problemas. “Em primeiro lugar, é preciso terminar a guerra econômica e levantar as sanções, porque são justamente o que está piorando a

A entrega em Caracas de jatos russos que lançam bombas atômicas e a iniquidade do bloqueio denunciada por Alfred de Zayas, da ONU



situação de desabastecimento, sobretudo no campo dos medicamentos. É insupportável pensar que, tendo uma crise de malária nos estados de Bolívar e Amazonas, a Colômbia recusou-se a entregar os medicamentos contra a malária e obrigou a Venezuela a importá-los da Índia.”

Antes da reunião de Bogotá, o governo brasileiro tentou ultrapassar a fronteira da Venezuela no estado de Rondônia na sexta-feira 22 com duas caminhonetes de alimentos e remédios em ação a título de “ajuda humanitária”, que, segundo o noticiário, recebeu aprovação dos EUA, mas foi impedida pelas Forças Armadas venezuelanas. O governo de Nicolás Maduro desconfia que, além de ocultar armas e talvez medicamentos e alimentos envenenados, tais comboios





sejam a ponta de lança para uma invasão militar, daí sua designação como cavalos de Troia. O histórico das invasões e aniquilamentos de Estados soberanos pelos EUA nas últimas décadas suscita essas suposições.

Não poucos consideram um acinte a oferta de “ajuda humanitária” liderada pelos Estados Unidos, o mesmo país desencadeador da guerra econômica que pretende colocar a Venezuela de joelhos. A escalada estadunidense vem de longa data e visa impedir a constituição de uma cadeia produtiva e de uma indústria nacional, segundo explica o economista Michael Hudson, professor emérito da Universidade do Missouri e consultor de governos em entrevista publicada no site Unz Review.

“A indústria do petróleo e a diplomacia dos EUA mantiveram a Venezuela como refém antes de tudo porque as refinarias de petróleo não foram construídas no país, mas em Trinidad e nos estados do sul dos Estados Unidos. Isso permitiu que as companhias de petróleo e o governo estadunidense a deixassem sem autonomia para perseguir uma política independente com seu petróleo, que precisava ser refinado. Não ajuda ter reservas de petróleo se você não conseguir refinar para torná-lo utilizável”, dispara Hudson. A aula sintética do professor da Universidade do Missouri deveria ser obrigatória para os Bolsonaro e os militares com quem compartilham o governo, pois sancionaram a privatização e desnacionalização das refinarias da Petrobras e, com isso, encaminharam o enterro da autonomia do Brasil numa etapa da cadeia produtiva de óleo e gás extremamente crítica. É o que mostra o exemplo terrível da Venezuela.

Um trabalho de desmantelamento do País elaborado em colaboração com os Estados Unidos e intermediado inclusive por Sérgio Moro e Deltan Dallagnol, que na Lava Jato foram muito além da punição das pessoas e inviabilizaram, embalados pelos tambores da

A ESCALADA AMERICANA VISA IMPEDIR A CONSTITUIÇÃO DE UMA INDÚSTRIA NACIONAL NO PAÍS

mídia, grande parte da cadeia de óleo e gás, aniquilando ou forçando o desmonte ou a venda das grandes empreiteiras, da Petrobras à Braskem.

O controle estatal das refinarias ora em oferta no balcão de entrega do Brasil ao capital estrangeiro é crucial, contudo, se o objetivo for evitar a dolarização dos preços dos combustíveis praticada, por exemplo, pelo ex-presidente tucano da Petrobras, Pedro Parente, e que resultou na greve dos caminhoneiros e na sua própria deposição. A privatização e desnacionalização daquela estrutura aprofundará, portanto, a regressão econômica ininterrupta desde o golpe de

2016 e aproximará o País da situação da Venezuela no setor de óleo e gás, um crime de proporções e consequências imensuráveis em um setor que se mostrava especialmente promissor desde a decisão do ex-presidente Lula, em 2005, de construir a Refinaria Abreu e Lima em Ipojuca, Pernambuco, a primeira inteiramente com tecnologia nacional, e ainda com a descoberta em 2006, sob seu governo, do tesouro do pré-sal. Abreu e Lima foi colhida pela Lava Jato, que, a pretexto de livrar o Brasil da corrupção, extrapolou a punição dos indivíduos e torpedeou com violência inaudita o que restava da autonomia econômica nacional dilapidada a partir do governo FHC.

Um bom começo para analisar com objetividade os interesses em jogo no assédio ao país latino-americano é levar em conta que os Estados Unidos são o maior consumidor mundial de petróleo, têm só 2% das reservas mundiais e importam 45% da produção da Venezuela, dona do maior reservatório mundial da *commodity*, equivalente a 18% do total mundial.



Maduro recorreu a Putin em busca de alívio do arrocho do crédito internacional vital ao seu país



O petróleo representa 98% das exportações e 50% do PIB venezuelanos e é a fonte mais próxima de suprimento dos americanos, a apenas 2,5 mil quilômetros de distância, enquanto a Arábia Saudita fica a 12,5 mil quilômetros.

A Venezuela conta também, segundo a pesquisa do Celag mencionada, com 5,7 bilhões de metros cúbicos de gás natural, pouco abaixo do manancial próprio dos EUA. Entre as riquezas da economia comandada por Maduro, chama atenção o estudo, está a segunda maior reserva de ouro do mundo, de 8,9 toneladas métricas, enquanto as dos EUA figuram na quinta posição, com 3 toneladas. No caso de os Estados Unidos tomarem militarmente a Venezuela para se aposarem do manancial petrolífero como fizeram no Iraque, neste caso sob o falso pretexto da existência de armas químicas jamais localizadas, levariam de quebra uma pilha descomunal de ouro.

Há mais. “As reservas de ferro estimadas da Venezuela chegam a 14,6 bilhões

OS INVESTIMENTOS E EMPRÉSTIMOS DE CHINA E RÚSSIA À VENEZUELA ATRAPALHAM O AVANÇO DOS EUA

de toneladas. O ferro pertence ao grupo de minerais nos quais os Estados Unidos têm um nível moderado de vulnerabilidade, porque importam até 49% do que consomem. Apropriando-se desse recurso quintuplicariam sua disponibilidade do minério e praticamente eliminariam essa dependência”, sublinha o Celag. A bauxita, prossegue o estudo, matéria-prima do alumínio, faz parte das riquezas do país latino-americano. Apesar de contar com 1% da reserva mundial, tem 16 vezes mais bauxita que os EUA, que dependem em 100% da importação desse bem para abastecer seu consumo.



Desde 2014, praticamente desapareceu o financiamento internacional disponível para a Venezuela e isso significou a retirada de cerca de 22 bilhões de dólares anuais da sua economia, que depende de divisas para comprar alimentos e insumos. “A reversão do financiamento internacional é equivalente ao lançamento de bombas na estrutura produtiva venezuelana, inclusive a petroleira”, compararam os especialistas do Celag.

O país confiou, prosseguem, na sua capacidade de endividamento e de importar de várias origens em condições normais de mercado, mas o que encontrou foi um boicote. Para os EUA, controlar os recursos venezuelanos representa não só o restabelecimento das condições históricas de domínio sobre a região, mas também uma vantagem competitiva para o conjunto da sua economia a partir do barateamento do custo do combustível e do fortalecimento da hegemonia do dólar diante dos concorrentes europeus e da China.

Os movimentos de defesa do governo venezuelano incluíram a transferência, em fevereiro, de contas bancárias no exterior de *joint ventures* da PDVSA com companhias como a estadunidense Chevron, a francesa Total e a norueguesa Equinor para o banco russo Gazprobank, segundo a agência Reuters. Além de dezenas de *joint ventures* com empresas ocidentais, a PDVSA mantém vários projetos com empresas russas e chinesas.

Durante o governo de George W. Bush, os preços do petróleo atingiram picos após a destruição do Iraque e as sanções ao Irã e à Rússia e turbulências na Nigéria, todos grandes produtores. A alta das receitas da *commodity* possibilitou a Hugo Chávez retirar milhões da pobreza. Entre 1995 e 2009, diz o governo, a po-

Chávez e Hu Jintao assinaram na China o primeiro empréstimo de Pequim à Venezuela, início de uma série de financiamentos



breza e o desemprego foram reduzidos à metade. Em 1998, o país tinha 12 universidades públicas, hoje tem 32. Médicos cubanos foram levados para prestar assistência gratuita à saúde em clínicas comunitárias. Caracas assegura gás de cozinha a preço baixo e lançou uma campanha de alfabetização para adultos. Maduro deu continuidade ao programa habitacional para as famílias de baixa renda com 1 milhão de apartamentos construídos até dezembro de 2015.

Os problemas causados pelo bloqueio estadunidense agravaram-se em 2014 com a queda do preço do petróleo resultante do aumento da produção do óleo de xisto nos EUA e da inundação do mercado mundial com estoques da Arábia Saudita.

Os investimentos e os interesses estratégicos da China e da Rússia na Venezuela são um obstáculo às pretensões estadunidenses em relação ao país comandado por Maduro, conclui-se do levantamento feito por Stephen B. Kaplan

e Michael Penfold, do Wilson Center, de Washington (Penfold leciona em Caracas). O relacionamento China-Venezuela começou em 2007 com um encontro de Hugo Chávez com o presidente Hu Jintao para selar o primeiro empréstimo de Pequim para negócios no setor de petróleo. Em 2014 o China Development Bank, o BNDES chinês, concedeu 30 bilhões de dólares em financiamentos garantidos por petróleo destinados a investimentos em energia, mineração, usinas, refinarias e oleodutos. Pragmáticos, os chineses mantêm desde 2012 relacionamento também com a oposição venezuelana.

As estatais russas assumiram o papel de investidores-chave quando aumentaram as dificuldades para obter crédito externo e Maduro recorreu a Putin. As gigantes de energia Rosneft, a maior petroleira e a segunda produtora de gás

A refinaria Abreu e Lima, primeira feita por inteiro no País, idealizada por Lula, mas detonada pela Lava Jato, por Temer e Bolsonaro

da Rússia, e a Gazprom concederam financiamentos de curto prazo essenciais à PDVSA, que, em troca, cedeu 49,9% das suas ações na subsidiária estadunidense Citgo, como colateral para garantir os futuros pagamentos da dívida. Além disso, a Rosneft aumentou sua participação na *joint-venture* Orinoco e recebeu acesso às maiores reservas de gás venezuelanas. Anterior a esses entendimentos, o relacionamento militar resultou na compra pela Venezuela de mais de 4 bilhões de dólares em armas e equipamentos. O evento mais recente foi a entrega em Caracas, em dezembro, de dois aviões russos Tu-160 com capacidade de transportar e detonar bombas nucleares.

Estados Unidos, Brasil e Colômbia sabem que invadir a Venezuela não seria um passeio. •